



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS LIBRAS**



ORILANDE NOGUEIRA DOS ANJOS

**ANÁLISE REFLEXIVA DO ENSINO DE LIBRAS COMO PRIMEIRA E
SEGUNDA LÍNGUA**

MANAUS

2022

ORILANDE NOGUEIRA DOS ANJOS

ANÁLISE REFLEXIVA DO ENSINO DE LIBRAS COMO PRIMEIRA E
SEGUNDA LÍNGUA

Trabalho de Conclusão de Curso Letras Libras da
Universidade Federal do Amazonas, realizado
como parte das exigências para a obtenção do
título de Licenciada em LETRAS - LIBRAS. Área
de concentração: Humanas

Orientador: Prof.º Esp. Gustavo Luna Maia Correia
Fernandes

MANAUS

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

O69a Orilande Nogueira dos, Anjos
Análise reflexiva do ensino de Libras como primeira e segunda
Língua / Anjos Orilande Nogueira dos . 2022
32 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Gustavo Luna Maia Correia Fernandes
TCC de Graduação (Licenciatura Plena em Letras - Língua
Brasileira de Sinais/LIBRAS) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Segunda língua. 2. Língua de sinais. 3. Ensino. 4. Ensino de
libras. 5. Libras. I. Fernandes, Gustavo Luna Maia Correia. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

FOLHA DE APROVAÇÃO

ORILANDE NOGUEIRA DOS ANJOS

ANÁLISE REFLEXIVA DO ENSINO DE LIBRAS COMO PRIMEIRA E SEGUNDA
LÍNGUA

Trabalho de Conclusão de Curso Letras Libras da
Universidade Federal do Amazonas, realizado
como parte das exigências para a obtenção do
título de Licenciada em LETRAS – LIBRAS. Área
de concentração: Humanas

Orientador: Prof. Esp. Gustavo Luna Maia Correia
Fernandes

Aprovado em ____ de _____ de 20 ____.

Componentes da banca examinadora:

Prof.º Esp. Gustavo Luna Maia Correia Fernandes
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof. Esp. Janderlei da Silva Vale
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof. Esp. Joabe Barbosa Pimentel
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

MANAUS

2022

AGRADECIMENTOS

A Deus, sobretudo pela dádiva da vida e oportunidades.

A Universidade Federal do Amazonas por oportunizar novos conhecimentos;

Ao meu orientador Professor Gustavo Luna Maia Correia Fernandes que esteve me aconselhando e incentivando a realização desta pesquisa.

E não poderia deixar de agradecer a minha família em especial ao meu pai e minha mãe, pelo apoio e incentivo durante toda a minha graduação.

“Direito Humano à Comunicação. E esse Direito implica uma comunicação cosmocrática, condição indispensável da existência de uma sociedade democrática, pois concordamos com os que pensam a comunicação principalmente no que se refere às políticas públicas nessa área, que é inviável pensar em democracia numa sociedade sem que haja democracia na comunicação”.

Pedrinho Guareschi

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresenta de forma sucinta os aspectos clínicos e sócio antropológico da concepção da surdez, como doença ou sujeito integrante da sociedade de minoria? Pertencente a uma cultura própria que determina a identidade surda, os fatores que identificam quem são os membros atrelados a comunidade surda. Assim como Gesser (2010, 2012), Quadros(1997), Wilcox(1997), Strobell(2008), Leite(2004), Felipe(2007), Cláudio (2017), Brown (1994), Lizzio(2011) são pesquisadores da aquisição/ensino de língua, independente de qual a modalidade oral ou visual, todas possuem fatos em comum no seu processo. Foi desenvolvido um estudo bibliográfico e comparado com as experiências empíricas deste autor no curso de Libras, a base comparativa e a metodologia comunicativa para realizar uma análise com as seguintes indagações: O sujeito ouvinte ter a mesma proficiência em Libras como L2 no processo de aquisição/aprendizagem? Aprendiz ouvinte com domínio na L1(português), possuem a mesma dificuldades de aprendizagem de L2 que o sujeito surdo? Quanto tempo o sujeito adulto consegue ter fluência em Libras como L2? Tendo como objetivos apresentar o método de ensino comunicativo do sujeito ouvinte adulto no processo de ensino e aprendizagem da Libras como L2; citar o processo de aquisição de linguagem de Libras como L2, do aluno ouvinte em Manaus e relatar experiências empíricas no processo de aquisição da língua do aluno ouvinte.

Palavras-chave: segunda língua, Libras, Ensino de Libras como L2.

ABSTRACT

Does this Course Completion Work (TCC) present in a succinct way the clinical and socio-anthropological aspects of the understanding of deafness, as a disease or an integral subject of the minority society? Belonging to its own culture that determines the deaf identity, the factors that identify who are the members linked to the deaf community. Just like Gesser (2010, 2012), Quadros(1997), Wilcox(1997), Leite(2004), Felipe(2007), Cláudio (2017), Brown (1994), Lizzio(2011) are acquisition/teaching researchers of language, regardless of the oral or visual modality, they all have facts in common in their process. A bibliographic study was developed and compared with the empirical experiences of this author in the Libras course, the comparative basis and the communicative methodology to carry out an analysis with the following questions: Does the hearing subject have the same proficiency in Libras as L2 in the acquisition process/ learning? Do hearing learners with mastery in L1 (Portuguese), do they have the same L2 learning difficulties as the deaf subject? How long can the adult subject be able to have fluency in Libras as L2? Having as objectives to present the communicative teaching method of the adult hearing subject in the teaching and learning process of Libras as L2; mention the process of language acquisition of Libras as L2, of the hearing student in Manaus and report empirical experiences in the process of acquisition of the language of the hearing student.

Keywords: second language, Libras, Teaching Libras as a L2.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Bilinguismo - social e Individual.....	11
Figura 2: diagrama da compreensão visual.....	14
Figura 3: diagrama expressão visual	15

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFAM	Universidade Federal do Amazonas
LSB	Língua de sinais Brasileira
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
Libras	Língua Brasileira de Sinais
CF	Constituição Federal do Brasil
ASL	Língua de Sinais Americanas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 A SURDEZ - CONCEITOS BÁSICOS.....	16
2 CULTURA E IDENTIDADE SURDA.....	17
3 O BILINGUISMO.....	19
4 ABORDAGEM DE ENSINO COMUNICATIVO NO ENSINO DE LIBRAS COMO L2.....	20
5 EXPERIÊNCIAS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM COMO L2.....	23
5.1 DO CURSO.....	23
5.2 DO ALUNO.....	24
5.3 DAS OBSERVAÇÕES.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	30

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais - Libras, foi reconhecida como língua oficial da comunidade surda brasileira, em 2002, através da Lei Federal nº 10.436, 24 de abril de 2002 e regulamentada pelo Decreto 5.625 de 22 de dezembro de 2005. Contudo, seus estudos linguísticos começaram na década de 1960, com grandes avanços na área de conhecimento dos estudos das línguas de sinais, influenciada pelas pesquisas relacionadas linguísticas da Língua de Sinais Americana (ASL), através dos pioneiros Stokoe (1960), Wilcox (1990,1997), dentre outros. O professor pesquisador William Stokoe (1960) elevou o status linguístico das línguas de sinais e Wilcox & Wilcox (1997), abordam o ensino da língua de sinais americana como segunda língua (ASL).

No Brasil, Felipe (2007), pioneira a desenvolver projetos de ensino de Libras para ouvintes. Como resultado do projeto, surgiu o livro “Libras em Contexto - Curso básico”, amplamente utilizado para o ensino de Língua Brasileira de Sinais - Libras. Leite (2004), aborda o ensino de Libras como L2 para alunos ouvintes, coletando histórias de professores com vista à análise das concepções de ensino. Gesser(2006), explorou as relações da língua Portuguesa e a Libras por meio da cultura e das identidades surdas e ouvintes. Embora o sujeito ouvinte adulto seja fluente em sua língua materna, ele consegue ter a mesma proficiência em Libras como L2 no processo de aquisição/aprendizagem? Aprendiz ouvinte com domínio na L1(português), possuem a mesma dificuldades de aprendizagem de L2 que o sujeito surdo? Quanto tempo o sujeito adulto consegue ter fluência em Libras como L2? Este será nosso foco, as experiências na aquisição de Libras como L2 para ouvintes adultos.

Os objetivos da pesquisa são:

- Apresentar o método comunicativo do sujeito ouvinte adulto no processo de ensino e aprendizagem da Libras como L2.
- Citar o processo de aquisição de linguagem de Libras como L2, do aluno ouvinte em Manaus.
- Relatar experiências empíricas no processo de aquisição da língua do aluno ouvinte.

A pesquisa foi realizada com estudos bibliográficos da área da aquisição de linguagem e baseado nas experiências empíricas do autor deste Trabalho de Conclusão de Curso(TCC).

Este trabalho tem o seu desenvolvimento dividido em cinco partes. A primeira abordará sucintamente os conceitos de surdez na visão médica e cultural. Já o segundo capítulo abordará a cultura e identidade surda. Terceiro capítulo, elucidar o conceito de bilinguismo de modo geral e amplo. Quarto, abordagem de ensino comunicativo no ensino de Libras como L2 e quinto retrata as experiências na aquisição da linguagem como L2, onde relata o as características do curso, aluno e das observações empíricas. Por fim as considerações finais.

1 A SURDEZ - CONCEITOS BÁSICOS

A educação no Brasil é determinado pela Constituição da República Federal (CF, 1988) em seu Art. 205 descreve, “direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa”(BRASIL, 1988) e por sua vez na Lei de Diretrizes Básicas (LDB, 1996) no capítulo II enfatiza os princípios e fins da educação e reforça a responsabilidade da família do Estado e “respeito à diversidade humana, linguística, cultural e identitária das pessoas surdas, surdo-cegas e com deficiência auditiva “(BRASIL, 2021).

Observamos no decorrer da história que o processo educacional da comunidade surda continua em relevantes mudanças reconhecimento da Libras como língua oficial da comunidade surda, inserção da educação bilíngue de surdos na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - [Lei 9.394, de 1996](#)). No campo de ensino há sempre o questionamento qual é a melhor abordagem e metodologia de ensino de Língua Brasileira de Sinais (Libras) como segunda Língua (L2) para o sujeito adulto ouvinte¹. Porém antes de abordar as experiências no processo de aquisição da Libras, há necessidades de elucidar sobre os aspectos culturais e identidade do surdo.

O conceito surdez, há duas perspectivas oferecidas pelas ciências biológicas e pelas ciências humanas: na primeira identifica o sujeito como deficiente, oferece a possibilidade de cura. A Segunda perspectiva: o sujeito é identificado pelo entendimento da língua de sinais é uma ideia de cultura própria.

A seguinte síntese:

(...)é preciso esclarecer que a primeira visão clínico-terapêutica baseia-se em uma perspectiva organicista, que caracteriza o surdo por sua deficiência, buscando sua cura, já segunda visão apresenta, a perspectiva sócio antropológica estuda a surdez baseada em fatores sociais, culturais educacionais e linguísticos, enfatizando o uso da língua de sinais parece então que a partir dessas duas visões ou o surdo fala e ouve e insere-se na comunidade ouvinte ou usa a língua de sinais e insere-se na comunidade surda. (CLÁUDIO, 2015).

Citação acima observamos que há um vértice que reflete diferentes

1 Possuidor de uma língua de instrução oralizada.

posicionamentos, Clínico terapêutico, “pois há uma busca pela normatização do surdo percebido como alguém que ao receber o Aparelho de Amplificação Sonora(AASI) ou implante coclear poderá ouvir, e só a partir disso integrar-se à sociedade ouvinte”(CLÁUDIO, 2015). No segundo cenário socioantropológico permite costurar uma realidade social, cultural e política das Comunidades surdas ou seja, “vista como uma diferença cultural e linguística e não como uma deficiência”(CLÁUDIO, 2017).

2 CULTURA E IDENTIDADE SURDA

A cultura segundo EAGLETON (2000, p. 43) são “as crenças e predileções que assumimos como válidas que têm de estar difusamente presentes para que possamos praticar qualquer ação”, para GESSER (2012, p. 96), “cultura extrapolaria padrões de comportamentos, costumes e tradições”, abrangendo nas agregações de engrenagem de controle do “comportamento humano” e “deve ser visto como algo inacabado, cujo os valores e significados estão sempre sendo ressignificados” GESSER (2012, p. 101).

A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma “arqueologia”.A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu “trabalho produtivo”. Depende de um conhecimento da tradição enquanto o “mesmo em mutação” e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz e nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que fazemos as tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar (HALL, 2003, p. 44).

A cultura epistemologicamente é um “produto” ideológico do sujeito, composto pelo conhecimento, tradições, crenças e interações sociais.

Cultura surda é o jeito de o sujeito entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com suas percepções visuais, que contribuem para definição da identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. (STROBÉLL, 2008 p.24).

A cultura permite que seja adaptada pelos seus integrantes de acordo com suas necessidades e projetos, refletindo nas crenças, língua e pensamento,

moldando o sujeito de acordo com suas crenças.

Por outro lado, nós temos a relação da comunidade surda da aceitação do sujeito como integrante da própria comunidade, se ele é um sujeito surdo de nascença ou é um usuário de aparelhos auditivos, depende, as escolhas das famílias em realizar ou não o implante ou uso de aparatos tecnológicos.

A autora Cláudio (2015), menciona que a Professora e autora Pfeifer, surda oralizada, em seu livro "*Crônicas da Surdez*", relata em determinado curso de libras ela foi excluída por surdos adultos sinalizantes por não considerarem como integrante da comunidade surda, por sua vez, as crianças se comunicam naturalmente com ela.

Em âmbito familiar, onde o primeiro contato com a língua é definida por opção da família, qual é o modo de comunicação que o filho irá utilizar, oral ou por sinais, mas "nada garante que a opção dos pais (ou dos profissionais) corresponderá à opção futura do filho" (SANTANA, 2007). Não cabe neste momento detalhar sobre os diversos cenários da perspectiva familiar aceita para a surdez, clínica ou social, mas podemos dizer que a identidade surda de acordo com o pensamento de STROBEL, professora/pesquisadora surda, está correlacionada com as experiências socioantropológico do sujeito.

(...) dependendo de suas vivências sociais; assim como vemos aqueles que nasceram ouvintes e ensurdeceram, aqueles que tiveram contato tardio com a comunidade surda, aqueles que continuam com uma identidade dividida entre os dois mundos e aqueles que se guiaram sempre pela experiência visual. (STROBEL, 2008 p. 22).

A identidade é "um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada" (HALL, 2003, p. 15 – 16), está relacionada com a cultura que o indivíduo está inserido,

De modo geral a identidade surda é norteadada pelas relações sociais com a comunidade que o indivíduo encontra-se inserido. Alguns autores (GESSER, 2009; WILCOX, 1997), descrevem para ser membros da comunidade tem que compartilhar os "valores, crenças, comportamentos e o mais importante, uma língua diferente da utilizada pelo restante da sociedade."(WILCOX, 1997). Portanto o uso da língua de sinais em contato com outros surdos, permite a interação entre eles que usam a mesma língua, criando novas possibilidades de compreensão e aprendizagem.

Embora o sujeito surdo seja o usuário da língua visual espacial e também da língua escrita são algumas características do sujeito bi/multilíngue.

3 O BILINGUISMO

O processo de aquisição da linguagem possui suas etapas definidas desde o nascimento até a idade adulta. Existe a hipótese do período crítico (SANTANA, 2007) onde há relatos de dificuldade de comunicação dos indivíduos privados das relações sociais, ou seja, crianças isoladas em período de aquisição da linguagem como por exemplo: abandonadas pelos pais de florestas, confinados em ambientes fechados e dentre outros casos. Há fatores relacionados com o transtorno da linguagem que ocorre após uma lesão cerebral tanto em crianças quanto adultos, outras hipóteses nas diferenças linguísticas, tem como atributo na aquisição de segunda língua, assim também à dificuldade de crianças surdas desde nascimento, surda congênita, expostas a língua de sinais após o período crítico da aquisição da linguagem, ou seja, “exposta a língua de sinais depois da puberdade” (SANTANA, 2007).



Figura 1: Bilinguismo - social e Individual
Fonte: criado por este autor com base WILCOX (1997, p. 80)

O bilinguismo de acordo com QUADROS (1997, p. 31) “ envolve a competência e o desempenho em duas línguas, podendo ser individual ou grupal”. É a capacidade da pessoa falar e compreender duas ou mais línguas diferentes. Há dois tipos de bilinguismo², segundo autor Wilcox (1997, p. 80), representado na

2 Bilinguismo – usuário de duas ou mais línguas orais, escritas ou espaço visual.

figura 1: “social e individual”; onde o primeiro tipo de bilinguismo(ou multilinguismo) social, “duas ou mais línguas são utilizadas na vida diária de uma comunidade” e “envolve a competência e o desenvolve uma situação linguística em que duas línguas, podendo ser individual ou grupal” (QUADROS, 1997, p. 31), sendo que a língua considerada imperante é aprendida pelo grupo com menos prestígio onde o “grupo majoritário” pode “suprir a língua da minoria”, exemplo: língua usada pela maioria dos alunos na escola. Em bilinguismo individual, uma língua é usada para dialogar em “lugares específicos, e outra língua será usada para falar com outras pessoas em outras situações” (WILCOX, 1997, p. 81), para QUADROS(1997, p. 31) “Diglossia envolve uma situação linguística em que duas línguas estão em relação de complementaridade, isto é, uma língua é usada em determinadas ocasiões em que a outra não é usada”.

Também o autor cita uma terceira língua “*inglês pidgin sinalizado*”, tendo como característica a mistura de duas línguas, em modo estrutural, sendo usado em meios sociais restritos, como por exemplo, em ambiente familiar. Ronice Quadros (1997, p. 24) cita o ensino de línguas para surdos, e o uso do “sistema artificial”, “*português- sinalizado*” ou “bimodal”, que caracteriza-se respectivamente pelo uso sinais na estrutura da língua oral e uso simultâneo de “sinais e da fala”, em que Ferreira Brito (1993 apud GESSER, 2012, p. 25) critica o uso do bimodalismo, pois não há possibilidades de realizar “expressões faciais e movimento com a boca na LIBRAS” simultaneamente oralizando.

4 ABORDAGEM DE ENSINO COMUNICATIVO NO ENSINO DE LIBRAS COMO L2.

O que é metodologia, abordagem, método e técnica de ensino? Segundo Brown (1994, p.14), metodologia é estudo de práticas pedagógicas. Abordagem “um conjunto de suposições que a natureza da linguagem, aprendizagem e ensino”. Método “um plano para apresentação sistemática da linguagem com base em uma abordagem selecionada”. Técnica “atividades específicas manifestadas em sala de aula”, porém atrelado ao método utilizado para o ensino e os mesmos estão sintonizados com a metodologia.

Os métodos de ensino servem para nortear as ações escolhidas dependendo dos objetivos de aprendizagem. Deve ser escolhido com base na realidade dos

alunos e nas demandas da comunidade.

Ainda existe a preocupação de como ensinar Libras para ouvintes, “sendo construído de formas muito intuitiva e com base nos próprios modelos de professores de línguas que tiveram em sua trajetória educacional” (GESSER, 2012), ou seja, as relações vivenciadas no processo de ensino encontra-se internalizada “a partir da abstração de situações concretas experimentadas”. Segundo Leite (2004), a proposta de Woods (apud LEITE, 2004, p. 193) é compreender o BAK³ dos professores.

(...) um sistema integrado de crenças, suposições e conhecimento sobre ensino/aprendizagem de língua e sobre o mundo que interferem de maneira determinante, e nem sempre consciente, na interpretação do professor sobre a sua prática, bem como no planejamento desta prática” (LEITE, 2004, p. 193).

O BAK está relacionado na “noção cognitiva de esquema”, compreendido como recorte do conhecimento das experiências empíricas. O professor ao entrar em conflito entre realidade e BAK, buscar adaptar e “evoluir”, reconstruindo seu conhecimento.

Enquanto:

(...) professores surdos, sua aprendizagem da língua está relacionada, em um nível mais emocional, às memórias de um desempenho malsucedido, fracassado, e em um nível mais prático, às lembranças das árduas tarefas de memorizações, cópias de listagens de palavras isoladas e práticas de textos superficialmente explorados ou nada significantes na língua de sinais em todas as suas dimensões. (GESSER, 2004, p. 122)

Algumas das dificuldades comuns nos primeiros contatos do ouvinte com a Libras, são: “falta de coordenação motora, dificuldade visual para conceber linguagem, inabilidade com expressões faciais e corporais”(GESSER, 2012, p. 123) e dentre outros. Ao ensinar habilidades uso “espaço visual”, várias características da linguagem “visual” precisam ser levadas em consideração. Os aprendizes de segunda língua precisam prestar atenção especial de como usar o espaço e expressões não manuais, porque eles influenciam o entendimento do “sinal”, podendo até inibir a compreensão do indivíduo.

O ensino de Libras como L2 para ouvintes será contextualizado na abordagem comunicativa, caracteriza-se em organizar as experiências que o aluno deveria adquirir linguisticamente, aprender algo de acordo com os interesses ou

3 BAK – *Beliefs, assumptions and knowledge*, termo em inglês.

necessidades, com objetivo de realizar interações ativas com outros sujeitos, ou seja, os alunos têm a oportunidade de se concentrar em seu próprio processo de aprendizado por meio da compreensão de seus próprios estilos e desenvolvimento de estratégias apropriadas para o autoaprendizado, sendo o papel do professor um facilitador e orientador.

De acordo com as ideias de Brown (1994, p. 255-258; GESSER, 2012 p. 132), “veremos em qualquer língua a (...) **compreensão visual**”⁴, pode ser praticada “de seis formas diferentes”. Observe na FIGURA 1, compreensão visual no “contexto sinalizado”

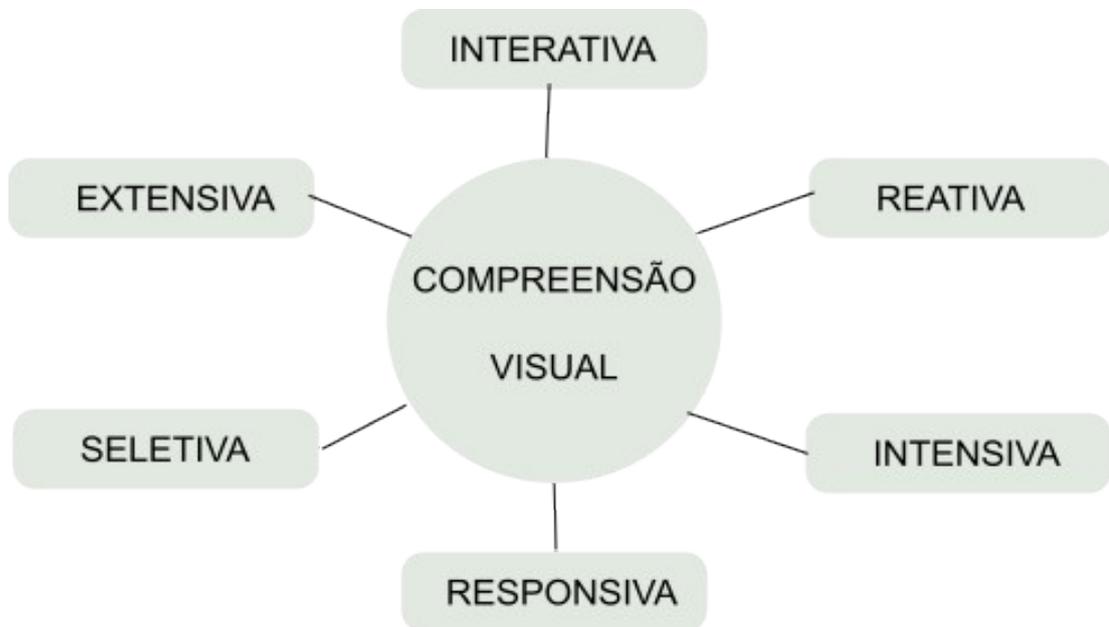


Figura 2: diagrama da compreensão visual

Fonte: criado por este autor de acordo com as adaptações da autora GESSER (2012, p. 132)

A reativa, preocupa-se com a “pronúncia” por “repetições individuais e/ou em grupo”; Intensiva, foco em “elementos ou componentes separados”, através de repetições; Responsiva, respostas às perguntas simples, exemplo: apague o quadro, que sinal é esse? Seletiva, foca na compreensão de detalhada ou “busca informações específicas”; Extensiva, onde a compreensão visual é mais detalhada a fim de “reter mais informações”; Interativa, compreende a assimilação dos tipos de “compreensão (visual)” e “expressividade (sinalização)”.

4 Gesser (2012, p. 130-132) “A modalidade da língua requer uma nova nomeação, mas a atividade linguística e cognitiva continuam sendo produtivas (ou expressivas) e receptivas” o termo “compreensão oral” é adaptado pela autora para “compreensão visual” de acordo com a língua de sinais pela autora.

A interação entre “ouvir e falar”, seis categorias semelhantes se aplicam aos tipos de produção que se espera que os alunos realizem em sala de aula, “expressões em sinais” BROWN (1994, p. 255-258⁵).

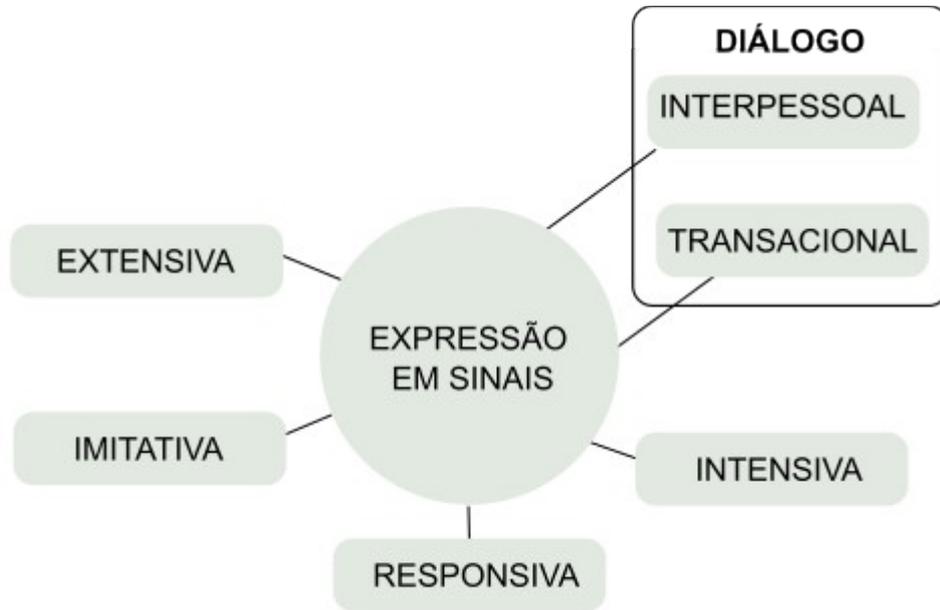


Figura 3: diagrama expressão visual

Fonte: criado por este autor de acordo com as adaptações da autora GESSER (2012, p. 135)

A Imitativa, consiste em reproduzir a sinalização; intensiva, possibilidade de utilizar o “conteúdo aprendido” na prática ou exercícios simulados; responsiva, resposta a partir das perguntas realizadas pelo professor; transacional, onde o aluno tentará manter o diálogo, “guiada” pelo professor; interpessoal, “diálogo/conversa mais próxima das conversas das relações sociais do dia-a-dia”; Extensiva, “o aluno desempenha na língua alvo contando histórias”;

5 EXPERIÊNCIAS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM COMO L2.

O processo de aprendizagem da Libras como L2, para ouvintes, será abordado em dois ambientes formais distintos, empiricamente considerados relevantes pelo autor.

⁵ Termo adaptado para línguas visuais por Gesser(2012, p. 135) de acordo com Brown (1994, p. 271-274)

5.1 DO CURSO

Curso “UM”, libras - Básico, formação continuada, diurno, programa de políticas públicas do governo federal, com carga horária totalizando 160 horas. Os professores, ambos possuem licenciatura plena e especialização na área de ensino de Libras, filho de pais surdos, um deles é CODA⁶. Respectivamente serão identificados como Professor “A”, surdo; Professor “B”, ouvinte⁷.

A turma era composta por alunos com faixa etária entre 16 a 50 anos de idade, alguns eram estudantes do ensino médio e outros desocupados⁸ em busca de qualificação profissional. Não havia material didático de apoio para os alunos, como apostilas e vídeos.

As aulas eram três horas por dia, de segunda a sexta, sendo que três vezes na semana, aulas práticas e os outros dias eram abordados a teoria pelo Professor “B”.

O curso “DOIS”, libras nível III, noturno, como formação continuada, realizado escola de referência ao atendimento especializado, com carga horária de 80 horas. Professor “C” deficiente auditivo profundo desde criança, filho de pais ouvintes, graduado em letra Libras e especialista em Educação Especial. As aulas eram de segunda a sexta, três horas por dia. Não existia material de apoio, como apostilas e vídeos.

5.2 DO ALUNO

Aluno “A”, graduado em pedagogia, dentro da faixa etária entre 35 a 45 anos de idade, com dificuldades auditivas. Teve seu primeiro contato com o surdo no 6º ano do ensino fundamental II (antigo ginásial), porém a comunicação era por gestos, pois o sujeito surdo utilizava o *pidgin* para comunicar. Já adulto teve contatos esporadicamente com os surdos na Praça da Saudade, onde a comunidade se reuniam no fim de semana para “bater um papo”. No curso de graduação em pedagogia teve suas primeiras instruções sobre à Libras, porém foi superficial.

6 CODA - Children of Deaf Adults, termo em inglês.

7 Os nomes dos professores não serão citados, respectivamente serão identificados com Professor “A” e “B”.

8 Refere-se as pessoas que estão sem trabalho em busca de emprego

As primeiras aulas do curso “UM”, aluno “1”⁹ professor “A”, apresentou o alfabeto manual¹⁰ e treino. Recorda-se que no primeiro dia, teve dificuldades em decorar as configurações das mãos, como por exemplo, sinal de desculpam, configuração da mão em / y / na frente do queixo, em vez de usar os dedos mínimo e polegar estendidos, era sinalizado com indicador e mínimo ambos dedos estendidos, porém o movimento e locação estavam corretos, confundia / f / e / t /, / g / e / q /, / p / e / k /. Ao final da aula suas articulações encontravam-se doloridas. No decorrer do curso foi ensinado técnicas de alongamento da mãos. No decorrer do curso “UM” era apresentado vocabulários e vocabulários que eram comuns em situações cotidianas, a prática consistia na repetição do sinal e posteriormente criações de diálogos pelos alunos para o treino e realizar apresentação do mesmo para a turma. Não era utilizado apostilas, vídeos ou qualquer material de apoio para o aluno consultar. Em determinadas aulas houve momentos de “contação” piadas e histórias em Libras pelo professor. As avaliações eram através de práticas com diálogos e avaliação final, perguntas em vídeos. As aulas teóricas, professor “B”, aparentemente eram conversas informais abordando temas como aspectos culturais e identidade surda; avaliações escritas e vídeo. Não será detalhado as práticas do professor “B”, será considerado apenas os professores surdos.

Aluno “1”, curso “DOIS”, com conhecimentos sobre os aspectos culturais e identidade da comunidade surda, conceitos sobre o bilinguismo e processo de aquisição/aprendizado da Libras como segunda língua e estudante de graduação do Curso Letras – Libras, em busca de qualificação e proficiência linguística na Libras. Como de praxe de início de qualquer curso os alunos apresentam-se em Libras, descobre-se a faixa etária aproximada dos alunos, 17 a 55 anos de idade, e sua ocupação desde estudantes do ensino médio, graduandos, professores e profissionais envolvidos com atendimento na educação especial.

Por se tratar de um curso considerado “avançado¹¹”, a ênfase na comunicação, aspectos fonológicos e sintáticos.

9 O autor deste TCC será identificado com aluno “1” na condição de aprendiz de segunda língua.

10 SANTANA(2007 p.96), “é um sistema manual que representa a ortografia da linguagem oral. No entanto, ele se refere-se sempre s nomes próprios, lugares, nomes científicos e é usado para os vocábulos que não possuem sinais.”

11 Nomenclatura ainda usada nos cursos de Libras, a fim de classificar o nível de conhecimento em línguas, porém algumas instituições utilizam a nomenclatura “nível I, II, III”, que se próxima ao Quadro Comum Europeu de Referência para Línguas (CEFR).

Às vezes o Professor “C”, solicitava auxílio para realizar a interpretação em sala de aula para os demais alunos, ou ajuda para explicar determinados assuntos em Libras. A problemática era realizar anotações, de como sinalizar determinado léxico, pois a professora “C” em determinadas aulas chamava atenção, por uso de aparelho de celular para registrar o sinal, sempre teria que “prestar atenção no professor”. Os alunos eram avaliados de acordo com a capacidade de se comunicar, ministrar determinados temas em seminários e avaliação final em criar/confeccionar material didático para ensino de Libras.

5.3 DAS OBSERVAÇÕES

A seguinte análise terá como base a experiência do deste autor, identificado como aluno “1”, no processo de aprendizado de Libras como L2 na idade adulta, será realizada apenas com foco nos professores surdos, portando será desconsidera o Professor “B”, ouvinte CODA.

Na primeira aula do curso “UM” o professor “A”, iniciou-as apresentando o alfabeto manual, alguns alunos apresentaram dificuldades por “falta de coordenação motora, dificuldade visual para conceber linguagem, inabilidade com expressões faciais e corporais” (GESSER, 2012 p. 123), tem como característica método “expressão em sinais” imitativa, onde o aluno repete o que o professor sinaliza. Assim com o trecho do relato da Sylvia “tinha uma mulher de 60 anos, ela era toda dura para sinalizar, o pensamento dela demorava, ela esquecia com facilidade” (LEITE, 2004, p. 85). O fator da idade pode ser dificultador, inclusive o tempo de exposição do mesmo a língua alvo. Assim como os sujeitos aprendizes de uma língua pertencente à minoria e “não foram ensinados na sua primeira língua levam de sete a dez anos para conseguem uma performance similar à de falantes nativos” (QUADROS, 1997, p. 85). Assim como aluno “1”, apresentou dificuldades de criar conexões com o que estava aprendendo, na perspectiva motor, visual e espacial, segundo Leite (2004) não se sabe se há a mesma dificuldades na “produção de uma língua oral” e “produção da língua sinalizada”, reforça que há necessidade de pesquisas sobre o fator idade pode influenciar na relação da aprendizagem da L2.

Posteriormente foi ensinado “vocabulário isolado” e no fim de cada aula os alunos divididos em duplas, criavam um diálogo praticavam e apresentavam para a turma o diálogo, porém foram “excluído as relações espaciais, as construções com classificadores” (PIZZIO, 2011 p. 64), permitindo o aprendiz usar a mesma estrutura sintática da língua oral, tem como característica método “expressão em sinais” intensiva e responsiva, onde permite o aluno a prática do vocabulário aprendido onde a primeira o aluno é “estimulado” a fornecer respostas um pouco mais longas e a outras respostas simples e breves.

Ao iniciar suas primeiras finalizações na língua alvo, o aluno tem de fazer um agrupamento de palavras. Sabemos que nenhuma língua é a somatória de vocábulos. Além disso, aprendizes usa um recurso de redundância para se fazer entender. Esse estágio ocorre inicialmente, pondo se vê facilmente que o discurso fica como que "dando voltas no mesmo lugar", ou ainda, O Aprendiz falando repetidamente as mesmas coisas, numa espécie de pivotamento discursivo. (GESSER, 2012, p. 134)

Verifica-se que de fato, há uma dificuldade nas primeiras sinalizações, onde o aluno ouvinte tende a criar redundâncias a fim de atestar o entendimento da sinalização.

O aluno “1” recorda das informações básicas, relevantes para o contexto e assunto específicos e realiza associações cognitivas. Segundo Gesser(2012, p. 45) a elevada heterogeneidade pode ser “complicador para atuação do professor de língua de sinais”. Porém “os primeiros encontros, por exemplo, são sempre cheios de novidades, descobertas, e curiosidades” (GESSER, 2012, p. 123)

Inferi-se que há mesclado de métodos “compreensão visual” e “expressão em sinais”, onde há preocupação com a “pronuncia”(sinalização) e repetições individuais/grupos e mesclando-se com intensiva, responsiva e interativa, identificados na interação dos diálogos entre perguntas e respostas de acordo com o bloco temático do vocabulário apresentado.

O curso não oferecia material de apoio, aluno “1” realizava as pesquisas na internet em vídeos do YouTube, dicionário de libras online¹² e também dicionário de Libras ilustrado em CD-ROM¹³ (ANEXO1).

Os sinais encontrados na rede de internet apresentavam variações

12 Atualmente encontra-se no site: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>

13 A Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação (MEC) “produziu o Dicionário Digital na Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, no formato CD-ROM. Foram distribuídos cerca de 15 mil dicionários para todo o País.” (CENTRO DE REFERENCIA EDUCACIONAL).

linguísticas regionais e não haviam identificação de qual estado ou cidade, onde gerava um certo desconforto ao aprendiz, não saber se o sinal está “certo”, sendo “a língua de sinais, ao passar, literalmente, “de mão em mão”, adquire novos “sotaques”, empresta e incorpora novos sinais, mescla-se com outras línguas em contato, adquire novas roupagens”, (GESSER, 2009, p. 40-41), assim como as demais línguas orais possuem variações linguísticas o mesmo se aplica as línguas visuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido buscou como base a abordagem de ensino e método Comunicativo, inferir e identificar as prováveis variáveis aplicadas no processo de aquisição/aprendizagem da Libras como L2 para sujeito adulto.

Embora o sujeito ouvinte adulto seja fluente em sua língua materna, ele consegue ter a mesma proficiência em Libras como L2 no processo de aquisição/aprendizagem? Quanto tempo o sujeito adulto consegue ter fluência em Libras como L2? Estes foram os dois primeiros questionamentos a serem respondido no decorrer do desenvolvimento deste trabalho, na qual depende do tempo de contato com a língua alvo que o aluno terá, permitira a desenvoltura de um nativo. Para o segundo questionamento o “Aprendiz ouvinte com domínio na L1(português), possuem a mesma dificuldades de aprendizagem de L2 que o sujeito surdo?”, depende dos fatores sociais, culturais e cognitivos que ambos estão inseridos, poderia ser uma resposta simples, porém os fatores mencionados, possuem relevância em cada processo de aquisição/aprendizagem.

O método comunicativo tem como características o foco do aprendizado no aluno e o professor tem o papel de orientar e estimular o aprendizado. Infere-se que este será o melhor método de ensino de Libras como L2. Cada professor possui suas “crenças, suposições e conhecimento sobre ensino/aprendizagem de língua e sobre o mundo”, pode influencia o modo de como o professor poderá escolher o método de ensino.

A pesquisa foi usada como Trabalho de Conclusão de Curso e atingiu os objetivos propostos delimitados, onde foi possível analisar o método comunicativo de acordo com as experiências deste autor.

Considerando que este não é uma obra concluída, pois há necessidade de realizar um estudo mais aprofundado no processo de aquisição/aprendizagem da Libras com L2 tardiamente do sujeito adulto, após o período crítico de aprendizagem, da mesma forma que o sujeito ouvinte tem dificuldades ou facilidades para aquisição da linguagem, o sujeito surdo, depende o tempo de dedicação e interação com a língua alvo, independentemente da modalidade.

REFERÊNCIAS

- ARTIGO - Processos Tradutórios, Línguas de Sinais e Educação. Grupo de Estudos e Subjetividade - ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.136-147, jun. 2006 – A CULTURA SURDA E OS INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS (ILS) - Gladis Perlin
- BRASIL. Constituição (1988).Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm”. Acesso em: 10 ago. 2022.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- _____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/cCivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 10.ago. 2022.
- _____. Lei nº 10.172, de 09 de janeiro de 2001, Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf_legislacao/tecnico/legisla_tecnico_lei10172.pdf>. Acesso em: 10.ago. 2022.
- _____. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 10.ago. 2022.
- BROWN, H. Douglas. Teaching by Principales: An Interactive Approach to language Pedagogy. Englewood Cliffs: Pertice Hall Regents. Segunda edição – 1994.
- CLÁUDIO, Débora Pereira; GUARINELLO, Ana Cristina; SHELP, Patricia P. Tamas dialógicas nos discursos sobre os surdos e a surdez. In: ROCHA, Renato Martins da et al.(org.) Surdez, Educação Bilíngue e Libras: perspectivas atuais. Curitiba: CRV, 2016.
- CRE – Mario Covas. Centro de Referência em Educação. Educação especial: Libras – Língua Brasileira de Sinais. Disponível em <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/ees_a.php?t=001>. Acesso em: 11.ago. 2022.
- GESSER, A. Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a língua brasileira de sinais. 2006. 200f. Tese - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- GESSER, Audrei. O Ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS. 1ª ed.: Parábola Editorial, 2012. 192.
- HALL, S. Pensamento a disporá: reflexões sobre a terra no exterior, in Sovik, L.. (org.). Da dispora : identidade e mediações culturais. Belo Horizonte Editora da UFMG. 2003.
- LEITE, T. de A. O ensino de segunda língua com o foco no professor: história oral de professores surdos de língua de sinais brasileira. 2004. 250f. Dissertação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em

- <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-22082006-102110/publico/dissertacao_de_mestrado_tarcisio_leite-usp.pdf>. Acesso em: 10.ago. 2022.
- SANTANA, Ana Paula. Surdez e linguagem: aspectos e implicações neurolinguísticas - São Paulo: Plexus, 2007.
- SILVA, L. da. Aquisição da segunda língua: O estado da arte da Libras. ALFA: Revista de Linguística - UNESP, v. 64, p. 1-29. Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/11861/9890>>. Acesso em: 10.ago. 2022
- STROBEL, Karin Lilian. Surdos: Vestígios Culturais não Registrados na História. Florianópolis, 2008. Tese de Doutorado em Educação – UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina.
- XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da libras. DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, [S. l.], v. 30, n. 2, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/17784>>. Acesso em: 12.ago. 2022.
- WILCOX, Sherman; WILCOX, Phillis Perrin. Aprender a ver. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005. (Coleção Cultura e diversidade).

ANEXOS

ANEXO 1 - Capa, contracapa e CD - Dicionário de Libras Ilustrado (acervo pessoal).



GOVERNO DE SÃO PAULO

Governador José Serra

Imprensa Oficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Diretor-presidente Hubert Alquéres
 Diretor Industrial Teiji Tomioka
 Diretor Financeiro Clodoaldo Pelissioni

Diretora de Gestão de Negócios Lucía Maria Dal Medico

Chefe de Gabinete Flávio Capello

Gerente de Produtos Editoriais e Institucionais Vera Lúcia Wey

Dicionário de LIBRAS coordenação Flávia Brandão

Dicionário de LIBRAS
ilustrado

DICIONÁRIO DE
LIBRAS
ILUSTRADO



Imprensa Oficial 

Como Utilizar este Dicionário

Palavra: Aqui você digita a palavra que deseja pesquisar.

Categorias: Aqui você seleciona a categoria da palavra.

Sinal: O sinal da palavra.

Tempos Verbais: Aqui você seleciona o tempo verbal da palavra.

Conjugação: Aqui você seleciona a conjugação da palavra.

Significado: Aqui você vê o significado da palavra que pesquisou.

Sinônimos: Aqui você vê os sinônimos da palavra que pesquisou.

Imagem: Neste espaço você vê a imagem que representa a palavra que pesquisou.

Video 2: Quando surgir este botão - vídeo 2 - clique e assista o vídeo.

